

## Índice

Os “fake papers” no mundo académico .....	1
“Guardini seria bem acolhido pela juventude de hoje, ávida de autenticidade” .....	2
Viver até ao fim .....	4
“Os Traficantes” .....	4

### Os “fake papers” no mundo académico

Durante um ano, três académicos dos EUA e Grã-Bretanha dedicaram-se a compilar 20 falsos artigos “científicos” para os publicar em revistas de prestígio que se dedicam aos estudos de género, de sexualidade, de identidade. O seu objetivo era demonstrar que, se se utilizar a gíria adequada e se estiver em linha com as ideias da moda, é muito provável que a pessoa publique o que quiser, por muito absurdos que sejam o tema e as conclusões.

E tiveram muito sucesso: na altura em que revelaram o seu engano, sete dos seus artigos tinham sido aceites para a respetiva publicação, outros sete encontravam-se em diversos graus do período de revisão e somente seis haviam sido rejeitados.

James Lindsay, Helen Pluckrose e Peter Boghossian, os criadores do enredo, pensam que em determinados campos de estudo onde predomina a “cultura da queixa”, a ideologia se impôs sobre a ciência e a procura da verdade. Qualquer discriminação que sofra um grupo, por causa do seu sexo, da sua raça ou da sua orientação sexual, tem a sua explicação em última análise nas maquinações do patriarcado. E quem quer que se interroge sobre estas explicações a respeito de privilégio, identidade e opressão, é imediatamente desqualificado como intolerante.

Para comprová-lo, os três autores dedicaram-se a redigir artigos impregnados do vocabulário, das noções e dos códigos apropriados de acordo com a perspetiva ideológica da revista.

O tema escolhido podia ser do mais peregrino e as conclusões roçavam o absurdo.

Um dos artigos foi publicado na revista “Gender, Place and Culture”, que lidera o campo da “geografia feminista”. A investigação baseava-se na observação da “cultura canina da violação”, num parque para cães em Portland, e interrogava-se: “Será que os cães sofrem uma opressão baseada no seu género (percebido)?”. A partir daí, pretendia tirar conclusões para reduzir as agressões sexuais dos homens. Um dos *referees* que deu o seu aval à publicação do artigo, escreveu: “É um artigo maravilhoso, incrivelmente inovador, rico na análise e muito bem escrito e organizado”.

Outro artigo, publicado na revista “Fat Studies”, explicava que o *bodybuilding* exclui os obesos, e propunha uma nova classificação que incluísse o termo *fat bodybuilding*, como “fat-inclusive politicized performance”.

Outro dos artigos criticava a “astronomia ocidental” como sexista e imperialista. Para corrigir essa abordagem, propunha que os departamentos de física integrassem os contributos da astrologia feminista, *queer* e indígena.

A “Affilia”, uma publicação revista pelos pares sobre mulheres e trabalho social, aceitou publicar um artigo intitulado “A nossa luta é a minha luta”, cuja segunda parte era uma repetição adaptada de um capítulo de “Mein Kampf”.

A facilidade com que vários destes falsos artigos conseguiram ser publicados, põe em questão a eficácia do sistema de revisão por pares. Que rigor é de esperar em campos de investigação onde nem especialistas podem distinguir entre os

contributos sólidos e parvoíces adubadas numa gíria supostamente erudita?

Num longo artigo publicado na web [“Areo”](#) (“Academic Grievance Studies and the Corruption of Scholarship”, 2.10.2018), da qual é diretora Helen Pluckrose, os autores explicam que, embora estes enganos se afastem das regras do uso científico, eram o meio mais adequado para demonstrar que “o rei vai nu”. Na sua opinião, alguns aspetos da produção do conhecimento nos EUA foram pervertidos pela deturpação ideológica. A obsessão da política identitária dá por adquiridas investigações absurdas desde que sirvam objetivos progressistas.

Se alguns artigos falsos e grotescos puderam passar por bons, é porque as revistas do ramo aceitam outros, feitos a sério, que não são menos extravagantes. A “Gender, Place & Culture” publicou em 2017 um artigo que fazia uma [análise da “política feminista pós-humanista”](#) a partir da dieta dos esquilos da Califórnia. Em “Hypathia”, especializada em filosofia feminista, apareceu este ano um [estudo](#) sobre uma *performance* em que uma mulher preparava uma chávena de chocolate na presença de um rato morto; oferecia assim, segundo a autora, uma “descrição sinestésica da pobreza e as suas repercussões psicológicas”.

O problema de fundo que perverte estas investigações é a sua ideia de que muitas coisas que damos por adquiridas ou demonstradas não são mais do que “construções sociais”, que dependem das relações de poder. Estas crenças foram estabelecidas por grupos dominantes para manter o seu poder sobre os grupos marginalizados pelo seu sexo, raça, orientação sexual ou identificação de género. Desmantelar estas construções é um imperativo em nome da justiça social.

Na opinião dos cultivadores desta “cultura da queixa”, devemos recusar a ideia de que existe um acesso objetivo à verdade, e que pode ser descoberto, em princípio, por quem quer que consiga fazer o trabalho, seja qual for a sua raça, género ou sexualidade, através da verificação empírica. Contra a suposta objetividade da ciência, eles defendem outros modos de conhecimento, que só estão ao alcance das minorias marginalizadas.

Os três autores do engano terminam a sua explicação pedindo às principais universidades que façam “um exame meticuloso desses campos de estudo (...) para distinguir os académicos e as disciplinas que produzem conhecimento dos que se dedicam ao sofisma construtivista”. Precisamente porque esses campos de estudo (género, sexo, raça, cultura) são de grande importância para a sociedade, é necessário que sejam abordados com o maior rigor académico.

Não é a primeira vez que se recorre ao engano para pôr em causa a seriedade de algumas publicações académicas. Em 1996, Alan Sokal, professor de física da Universidade de Nova Iorque, teve sucesso com um artigo que parodiava as críticas estruturalistas e feministas que desmistificavam a ciência

ocidental e mostravam a ideologia de dominação oculta por trás da sua fachada de objetividade.

Noutro caso foi a [própria revista “Science”](#) que deixou em evidência concorrentes digitais de livre acesso ao fabricar um artigo falso, cheio de erros, e conseguir que muitas o aceitassem para publicá-lo (“Aceprensa”, 10.10.2013).

O peculiar da piada fabricada pelos três professores é o número de artigos publicados e o ter-se centrado em campos de estudo onde a ideologia se reveste muitas vezes de roupagens científicas.

## “Guardini seria bem acolhido pela juventude de hoje, ávida de autenticidade”

A 1 de outubro de 1968 falecia em Munique, Romano Guardini, aos 83 anos. Alfonso López Quintás, seu discípulo e especialista na sua obra, explica para “Aceprensa” os principais contributos e a atualidade das ideias do pensador alemão.

— *Decorridos cinquenta anos após a sua morte, por que continua a ser relevante a figura de Guardini? Qual é, na sua opinião, a principal contribuição deste pensador?*

— Continua a ser sempre muito significativo para nós, porque nos ajuda a superar certos bloqueios intelectuais e espirituais. Quando, aos 18 anos, Guardini se afastou um pouco da vida religiosa, devido à influência de alguns filósofos, o seu amigo Karl Neuendorfer convidou-o a meditar na frase evangélica: “Aquele que conservar a sua vida irá perdê-la; e aquele que perder a sua vida por mim irá conservá-la” (Mt 10, 39).

A reflexão sobre este aparente paradoxo foi decisiva na sua vida espiritual e no seu método formativo. O jovem Guardini intuiu nela algo poderoso, uma lógica muito superior à que rege a nossa vida quotidiana. E, a partir desse momento, empenhou-se muito em distinguir as contradições dos contrastes, e em descobrir que muitos aparentes paradoxos são sinal de elevação e riqueza. A sua finura analítica permitiu-lhe ver a riqueza espiritual de tudo o que é simbólico: os sinais sagrados, a liturgia, a Igreja...

— *Foi discípulo de Guardini e tratou-o até à sua morte. Como era na intimidade? O que foi que mais o impressionou do ponto de vista pessoal?*

— Guardini tinha fama de inacessível; se isso parecia acontecer, era por causa da sua timidez. Comigo foi muito simples e cordial. Quando cheguei a Munique, com a tarefa de conseguir que levantasse o veto a todas as edições ou reedições

das suas obras para castelhano, recebeu-me imediatamente, e prometi que asseguraria que tudo fosse bem feito – as traduções e as edições – e concedeu-me os direitos de todas as suas obras. A partir desse momento, começámos o grande trabalho de difundir os seus escritos em todos os países de língua castelhana. Para além disto, o que me impressionou sempre na sua atitude, foi o seu amor à verdade e a sua dedicação séria e tenaz ao apostolado, sobretudo entre a juventude.

— *Guardini conhecia as grandes correntes de pensamento que existiam na sua época, como a fenomenologia, o personalismo ou o existencialismo. Embora tenha sempre mantido a sua independência, de que escola filosófica se sentia mais próximo?*

— O seu lema preferido era este de Pascal: “O homem supera infinitamente o homem”. Por isso, preferia sempre os movimentos e autores que revelavam a grandeza do ser humano. Penso no Movimento dialógico de Ferdinand Ebner, em pensadores como Theodor Haecker ou John Henry Newman. Entre os antigos, Santo Agostinho e São Boaventura. Mas a sua grande fonte de inspiração era a sua própria experiência. Vê-se claramente nos seus livros sobre a oração, a liturgia, as devoções populares...

— *Guardini exerceu o seu ministério entre os jovens. Como resumiria os seus ensinamentos à juventude? Seriam sensíveis os jovens de hoje, mais secularizados, ao seu magistério?*

— Guardini não teve facilidades quando começou a sua tarefa apostólica no período de entre-guerras. Perante a situação convulsa da Europa, intuiu desde o princípio que a única solução era mergulhar no tesouro que constitui para qualquer pessoa a fé cristã, bem entendida e bem vivida. Quando os jovens universitários de Bona lhe pediram que lhes falasse da Igreja, pronunciou cinco conferências, depois publicadas com o título de “El sentido de la Iglesia” (Edibesa, 2011). Eles gostaram tanto que o eco chegou à Universidade de Berlim, onde foi criada uma cátedra especial para Guardini.

Nos escritos que dirigiu aos membros do Movimento da Juventude – “A caminho, Vontade e Verdade...” – ressalta a ânsia de superar falsas oposições, que bloqueiam o acesso dos jovens à vida criativa. Pensemos na clivagem entre liberdade e normas, independência e solidariedade, linguagem e silêncio, interioridade e abertura, obediência e iniciativa criativa...

A presença de Guardini era muito pedagógica para os jovens pela sua atitude construtiva, o seu amor pelo belo e pelo nobre, tanto na estética como na moral e na religião. As normas que dava para os convívios no castelo de Rothenfels eram sempre sentidas como canais de criatividade, não como meros regulamentos e proibições. Não tenho dúvidas de que também seria bem acolhido atualmente por uma juventude ávida de autenticidade.

— *Guardini exerceu uma importante influência intelectual e o seu magistério tem estado presente nos ensinamentos dos últimos pontífices. Qual considera ter sido o seu principal contributo no campo da teologia?*

— Um dia ofereceu-me a [conferência](#) que havia pronunciado no 75.º *Katholikentag* – Dia dos católicos – com o título “Só quem conhece Deus conhece o homem”, e disse-me: “Aqui está todo o meu pensamento”. Nessa conferência afirma: “O homem sabe quem é na medida em que se compreende a partir de Deus. Esta é a lei fundamental de todo o conhecimento do homem”. Estas ideias exerceram um papel dirigente no Concílio Vaticano II, assim como no pensamento filosófico e teológico de São João Paulo II.

— *Nas suas obras, Guardini alude repetidamente à crise cultural e antropológica. O seu diagnóstico seria hoje igualmente aplicável?*

— Guardini sempre destacou a necessidade de aceitar os dons primários e todas as implicações que tem o ser do homem. É impressionante ler estas frases nas suas “Orações Teológicas”: “Nada tenho por mim mesmo; tudo é dom teu e só chega a ser meu se o recebo de ti. (...) Esta é a minha verdade e a minha alegria. Os teus olhos olham continuamente para mim, e vivo do teu olhar, meu Criador e Salvador. Ensinai-me a compreender, no silêncio da tua presença, o mistério de eu existir. E que exista por ti, perante ti e para ti”. Ao vincular assim a liberdade criativa e a pertença ao Criador, Guardini supera a modernidade sem perder nada do positivo que esta sem dúvida trouxe.

— *Muitas das obras de Guardini – por exemplo, “El Señor” (Cristiandad, 2005) – converteram-se em grandes clássicos da teologia e da espiritualidade. Menos lidos têm sido os seus ensaios filosóficos. Qual é o livro mais adequado para se introduzir no seu pensamento?*

— Talvez o livro de Guardini mais adequado para se introduzir no mundo maravilhoso que nos transmite seja “La existencia del cristiano” (BAC, 2005) que reproduz as lições universitárias que eu lhe ouvi. No que se refere a outros escritores, posso dizer que esta função introdutória quis exercê-la com a minha obra [“Romano Guardini, maestro de vida”](#) (Palabra, 1998) que transmite o espírito do professor e apresenta uma lista ordenada de todas as suas obras.

J. C.

## Viver até ao fim

Alan, Roy, Mary e Jamie já cá não estão. Os três primeiros morreram octogenários; o quarto, com 40 anos, sem querer perder um só instante com a sua pequena filha até ao último momento. Todos faleceram numa pequena ilha situada ao sul da Inglaterra. E um jovem cineasta filmou tudo isso. Um documentário, “Island”, estreado no Reino Unido, é o fruto final.

Durante um ano, Steven Eastwood cruzou com a sua câmara várias vezes, num *ferry*, a estreita faixa de água. Na recordação, duas perdas recentes: a da sua sogra e a da sua melhor amiga, e na sua vontade o propósito de documentar uma realidade quotidiana, muitas vezes sobredimensionada. Mas no hospício Earl Mountbatten, um centro de cuidados paliativos, o ambiente não é tenebroso. Alguns cantam, outros saem das suas camas para tomar sol, alguns bebem cerveja, veem futebol, abraçam-se... Regras de vida.

– *Algum dos doentes que filmou manifestou-lhe em algum momento ter desejado a sua morte por eutanásia?*

– Não. O documentário é muito mais sobre a morte como processo natural, como parte da vida. Ele é feito através de um acompanhamento a quatro pessoas formidáveis, todas elas a morrer de cancro, embora o filme não se concentre nos pormenores.

Em vez disso, interessa-se pelo modo como comunidades são afetadas pela morte, e mostra-nos como o nosso corpo, a nossa respiração, mudam à medida que se aproxima esse momento, e como se podem aplicar cuidados paliativos adequados para tratar a dor e a pena física e emocional. A eutanásia não apareceu como tema nos 12 meses de filmagem.

– *Terá escutado lá testemunhos interessantes. Quais o impressionaram mais?*

– No plano pessoal, foi interessante para mim ver quanto se interessa a cultura ocidental pelas últimas palavras de um doente terminal, como se este ficasse imbuído de uma enorme sabedoria sobre a vida e os vivos. Temos imenso disto nos filmes de ficção populares, nos quais as pessoas pronunciam as suas últimas palavras como ao serviço da história e dos personagens que deixam atrás de si.

Muitas das mortes são muito menos dramáticas e mais concisas do que isso. Vivemos muito até morrermos. Das pessoas que conheci, observei que queriam viver do modo mais normal possível, sem fazer da sua morte o único tema de conversa.

“Island” não está focado, portanto, nos testemunhos, e são pronunciadas muito poucas palavras no filme. Mas dito isto, Jamie, que tinha 40 anos, foi muito honesto e aberto com a

sua filha de quatro anos sobre o que ia suceder-lhe, e aproveitou o processo de filmagem para lhe falar com sinceridade, longe das pressões da família, dos médicos e dos enfermeiros. Por seu lado, Alan, de 82 anos, que tinha uma filosofia radical sobre a vida, transmite algo dela no filme. Pensava que os nossos corpos são apenas veículos, e não tinha qualquer medo de morrer.

– *Após a sua experiência, que valor dá aos cuidados paliativos?*

– Um dos principais valores do atendimento nesse centro é o direito dos doentes de morrerem na forma que desejam. De facto, o filme foi possível como uma extensão desse *ethos*. Os hospícios deste tipo são espaços de vida, não de medo. E algumas das pessoas mais extraordinárias da nossa sociedade, os enfermeiros que cuidam de nós enquanto morremos, são das menos visíveis.

Deve dizer-se que estamos muito pouco informados sobre algo que é completamente natural: estamos desenhados para morrer, e a maioria de nós morrerá por causa de alguma doença aos 70 ou 80 anos, seja em casa, atendido por enfermeiros, ou em unidades paliativas em hospícios e hospitais. Até depararmos – nós próprios ou alguém que conhecemos – com um diagnóstico terminal, praticamente não temos conhecimento deste processo natural, quotidiano e inevitável, e acho que isso está mal.

Senti-me mais forte a fazer “Island”, e as pessoas dizem-me constantemente que se sentem encorajadas pelo filme. Para mim, a arte e o cinema têm um papel importante, que é o de olhar diretamente para as realidades que nos desafiam e desmontar tabus.

L. L.

## “Os Traficantes”

“War dogs”

Realizador: Todd Phillips  
Atores: Jonah Hill; Miles Teller  
Duração: 115 min.  
Ano: 2016

Os filmes baseados em factos reais possuem o atrativo de transmitirem “lições” autênticas sem serem inventadas. Este caso é um bom exemplo disso, ao narrar uma história dura e amoral sobre uma burla de muitos milhões de dólares envol-

vendo o Pentágono. Na altura da guerra do Afeganistão, os negócios envolvendo a compra e venda de armamento disparam. Não só as empresas habituais do ramo procuram negociar, como outros intervenientes tentam também obter dividendos de uma oportunidade considerada “única”. Aparecem então os “espertalhões”, pessoas sem princípios cujo único objetivo é ganhar dinheiro a qualquer preço. O filme segue a trajetória de uma firma falsa que consegue encomendas do Pentágono através de esquemas fictícios. Inventam contratos e o material militar que manipulam tem proveniências estranhas... Tudo se complica devido ao caráter dos dois responsáveis da empresa, que mais do que sócios, são cúmplices, pessoas sem escrúpulos que acabam por se atraiçoar ao lutar cada um pelo seu interesse pessoal. Será graças a desentendimentos entre os dois e à cobiça de um deles que tudo se vem a desvendar... um caso que se não fosse verdade, ninguém acreditaria...

### Tópicos de análise:

1. A credibilidade nota-se logo no relacionamento pessoal.
2. Um “espertalhão” é fácil de ser apanhado em falso.
3. A confiança ganha-se e perde-se nos pormenores.

### [Hiperligação](#)

Paulo Miguel Martins  
Professor da AESE

